

# A Universidade Brasileira\*

## Abordagem crítica

Wilson Luiz Sanvito\*\*

O conhecimento é o bem mais precioso do mundo contemporâneo e os países com capacidade para produzi-lo (Estados Unidos, União Européia, Japão) assumem a dianteira como potências econômicas. Certamente o futuro pertence aos que controlam o capital e o trabalho, mas principalmente o conhecimento, de sorte que o desafio para o homem moderno é saber lidar com o conhecimento.

Há, pelo menos, três caminhos possíveis para o conhecimento: o do senso comum; o da lógica e filosofia; e o do método científico. O primeiro, também chamado de conhecimento vulgar, se faz por meio de uma observação assistemática do fenômeno combinada, ou não, a uma estratégia intuitiva. É o caboclo, lá no interior do Brasil, que espia o céu de manhã e afirma: - Está soprando um vento do mar, no fim da tarde vai chover. E costuma acertar na sua previsão. Neste caso se aceita a conclusão que parece 'a mais certa'. O segundo caminho exige uma estratégia reflexiva e sujeita à lógica; freqüentemente o raciocínio é especulativo. Neste caso se aceita a conclusão que parece 'a mais razoável'. O terceiro segue uma metodologia científica por meio da observação sistemática do fenômeno e do experimento, da pesquisa ordenada e dos dados estatísticos. Neste caso se aceita a conclusão que parece 'a mais provável'. Existe ainda, embora seja polêmico, um quarto caminho, que é o do conhecimento transcendental. Neste o ser deve ter a sensação da verdade para conhecê-la, algo além da experiência sensível; o oposto do imanente.

O primeiro tipo de conhecimento é pragmático; o segundo, é um saber reflexivo; o terceiro, é um saber metódico; o quarto, é um saber revelado (?). Hoje é preciso considerar a interface dos conhecimentos por meio da interdisciplinaridade, o que significa que uma forma de conhecimento não deve ficar encapsulada,

mas interagir com as outras. Essa interação acaba determinando a fecundação de um conhecimento pelo outro. Porém é inegável a hegemonia do conhecimento científico no mundo contemporâneo. E este é o motivo desta exposição.

Houve uma explosão dos conhecimentos nas últimas décadas, de sorte que um estudo feito pela empresa americana World Future Society em 1999 concluiu com uma afirmação e uma previsão. A afirmação: a cada dois anos duplica-se a massa de conhecimento no mundo. A previsão: dentro de 15 anos, ela dobrará a cada 80 dias. O século 21 é, portanto, o tempo do conhecimento acelerado. O dado nos fascina e nos amedronta ao mesmo tempo. Os aspectos benéficos desses rápidos avanços tecnocientíficos são óbvios, entretanto o estado permanente de superinformação pode provocar uma cacofonia na cabeça dos receptores, pois não há tempo para refletir sobre as informações recebidas o que pode gerar um pensamento acrítico. O conhecimento na Antigüidade era transmitido pela tradição oral; na Idade Média, pelos monges copistas; e no Renascimento pela imprensa gutenberguiana. No mundo contemporâneo é transmitido pela multimídia. As mensagens (informações) só se transformam em conhecimento quando bem classificadas. É preciso considerar, ainda, que a pulverização do conhecimento científico contribui para a falta de integração de seus diversos ramos. Cada homem de ciência atua no seu próprio nicho e acaba perdendo a perspectiva de um saber integrado, o que determina uma perda do quadro de referências. Esta fragmentação do saber pode levar a uma babelização do conhecimento.

Do exposto, conclui-se que lidar com o conhecimento científico exige das fontes e dos usuários um rigor, proporcionado pela disciplina e sistematização das informações. O conhecimento, principalmente o criativo, reclama uma massa crítica, que pode ser proporcionada pelos institutos de pesquisa e pelas universidades.

## O que é a universidade?

Para entender este conceito é preciso analisar a história da universidade ocidental, que pode ser compactada em três grandes momentos:

\* Palestra proferida no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

\*\* Livre-Docente. Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo - Departamento de Clínica Médica. Assistente Estrangeiro da Faculdade Paris. Membro Titular da Academia Brasileira de Neurologia. Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Cefaléia.

- 1) A universidade medieval, caracterizada como “Universitas magistrorum et scholarium (universalidade dos que ensinam e dos que aprendem). A essência da universidade medieval era o binômio professor-aluno. Ela era representada pelo Studium e reinava independente do Imperium (poder temporal dos Senhores Feudais e dos Reis) e pelo Sacerdotium (Poder espiritual do Papa e dos bispos). As primeiras universidades surgiram nos fins do século 12 e no início do século 13 (Bolonha, Paris, Oxford...). Elas podiam ser espontâneas ou criadas. O ingresso dos alunos acontecia entre os 12 e 15 anos com as disciplinas do trivium e do quadrivium. As disciplinas do trivium, ou ciência da palavra, dividiam-se em gramática latina, retórica e dialética. Enquanto o quadrivium, ou ciência das coisas, dividia-se em aritmética, geometria, astronomia e música. A Igreja Católica, tentando controlar a universidade medieval, instituiu a “Licentia Docendi” (autorização para ensinar). Instituiu também as prebendas, salários para os professores, de sorte a torná-los funcionários eclesiásticos ou principescos.
- 2) A universidade moderna, caracterizada como “Universitas scientiarum” (universalidade das ciências), cuja representante maior foi a universidade alemã nos fins do século 18 e início do século 19. Ao lado da tradição humanística medieval, esta universidade incorpora a pesquisa básica e aplicada. Esta última com a contribuição importante das Escolas Politécnicas, que aparecem na França no final do século 18.
- 3) A universidade hodierna, caracterizada como “Universitas culturarum et technicarum” (universalidade das culturas e das técnicas). Este tipo de universidade tenta preservar o patrimônio humanístico das épocas anteriores e parte para uma democratização das ciências e das técnicas (tecnociências), a serviço dos seres humanos.

O grande desafio da universidade contemporânea é lidar com o conhecimento visando o benefício da humanidade.

### **Universidade brasileira**

As universidades foram criadas tardiamente no Brasil. Com a vinda de Dom João VI ao Brasil, em 1808, surgiram as primeiras instituições de ensino com o objetivo específico de formar técnicos necessários ao estado. Ainda não eram universidades, mas o seu embrião. A partir daí surgiram estabelecimentos isolados de ensino superior. Mas somente no século 20 surgem as primeiras universidades: a primeira foi criada no papel em 1931 no Rio de Janeiro, entretanto

este decreto não se materializou; somente em 1934, em São Paulo, começava a funcionar a USP.

A análise da universidade brasileira comporta alguns desdobramentos. Desde a concepção simplista, que reduz a universidade a um mero aglomerado de escolas com a função de desovar profissionais no fim do ano letivo, até uma concepção mais elaborada que encara a universidade do ponto de vista pluralista, isto é, com objetivos diversos como a formação de recursos humanos, as pesquisas fundamental e aplicada e a prestação de serviços à comunidade. Dentro deste princípio basilar a universidade representa para a sociedade moderna uma somatória de atividades de ensino, pesquisa e prestação de serviço. A interação com a comunidade é fundamental e deve ser ampliada no sentido de proporcionar os múltiplos serviços na área da saúde, do planejamento de soluções técnicas, enfim de propostas sociais. A universidade, baluarte da cultura e da pesquisa, é responsável pela formação da juventude brasileira e deve estar plenamente identificada com os problemas sociais do país. Por outro lado, o profissional egresso da universidade não deve ser negligenciado pela sua instituição, que deveria proporcionar a ele, periodicamente, cursos de reciclagem (educação continuada).

### **Os vícios da universidade brasileira**

Nós encontramos dois tipos de instituição no panorama universitário brasileiro: a universidade pública e os estabelecimentos de ensino superior privado. Estes últimos, salvo raras exceções, são dominados por uma visão eminentemente mercadológica da educação.

E a universidade pública, cumpre bem o seu papel? Eu diria que nem tanto! A universidade pública está infiltrada pelo vírus ideológico e termina se perdendo no assembleísmo e no patrulhamento ideológico dos grupos ativistas (que são minoria), se afastando do verdadeiro interesse social e sofrendo de absoluta falta de identidade. A universidade pública se transformou num bunker do baixo clero da esquerda acadêmica (incluídos aí alunos, professores e funcionários). Entidades como diretórios acadêmicos, associações de docentes e a UNE são nitidamente ideologizadas e, por vezes, representam o atraso em matéria de ensino e pesquisa.

A universidade pública brasileira é corporativista, improdutiva e perversa. Funciona como uma espécie de repartição pública. Não há diferenças salariais por mérito, mais do que isso a meritocracia, no jargão estudantil esquerdista, tem uma conotação pejorativa. Não há cobrança de desempenho como nas boas instituições de ensino superior americanas, não há desligamento de professores improdutivos, nem há sequer, a preocupação de descobrir fontes de renda alternati-

vas. O estado é o paizão, que tudo deve prover. Nos Estados Unidos estão as melhores universidades do mundo e pouquíssimos americanos acham que a educação superior seja uma obrigação do estado. A afirmação de que “a universidade tem que ser pública e gratuita” é absurda no contexto americano, onde predominam os modelos que somam zero: se um gasto é criado, alguém tem que pagar por ele. Não existe almoço grátis e quem paga a conta é o contribuinte.

Além do mais, a universidade pública é perversa porque alberga em seus cursos a classe média alta e a elite, enquanto os jovens, oriundos de família de baixo poder aquisitivo, são marginalizados ou empurrados para fazer um curso numa Uni-qualquer. Conclusão: os contribuintes acabam pagando pela educação dos ricos e da classe média.

Já que citamos as universidades americanas, cabe analisar as diferenças de comportamento dos professores nos EUA e no Brasil. Os professores de lá trabalham, em média, muito mais do que os professores das federais ou estaduais daqui. Mesmo nas melhores universidades americanas, a praxe é dar dois cursos, um na graduação e outro na pós-graduação; todos, ou quase todos, pesquisam e publicam. São avaliados pela produção científica, pelo ensino, pela obtenção de recursos e pelos serviços que prestam à profissão e à universidade. Os poucos que não pesquisam e não publicam não são bem vistos pelos colegas, mas compensam dando mais cursos, fazendo mais trabalho burocrático, orientando mais alunos. No Brasil o espírito não é acadêmico e científico, mas burocrático-sindical e político-ideológico. Pressões para pesquisar e dar aulas, em algumas instituições, causam escárnio e acusações de fordismo e meritocratismos.

Em nosso país as universidades federais entram em greve quase todo ano e as estaduais não ficam atrás; ainda recentemente tivemos o episódio da invasão da reitoria da USP por motivo fútil. Greves de professores e funcionários de universidades são difíceis de entender nos EUA e a de alunos são impensáveis. A irresponsabilidade de professores, funcionários e alunos de federais e estaduais só pode ser entendida a partir de uma forte tradição corporativista, junto com o que o antropólogo Roberto DaMatta chama da “ética do privilégio”. A elite e a classe média alta acham normal não pagar nada nas universidades, nem o estacionamento de seus carros, mas acham absurdo que as empregadas domésticas tenham direitos trabalhistas ou fazem greve quando a refeição no restaurante universitário tem um aumento de 25 centavos.

As demissões de professores, raras no Brasil, são frequentes nos EUA, onde professores iniciantes só adquirem estabilidade após quatro a seis anos de casa; a maioria não adquire.

## Papel da universidade

A universidade deve ser a interface entre o sistema educacional superior e a sociedade. É possível criar conhecimento - fazer ciência - fora da universidade (Instituto Butantan, Fiocruz, Instituto Pasteur, MIT...), entretanto não é possível formar cientistas sem o concurso da universidade. De sorte que o principal papel da universidade é lidar com o conhecimento. Inicialmente transmitir o conhecimento através de cursos de graduação, pós-graduação e de extensão; preservar o conhecimento através de publicações convencionais ou eletrônicas; criar o conhecimento através da pesquisa básica e aplicada; e utilizar o conhecimento em benefício da sociedade (no caso das ciências médicas através do ato médico).

Penso que nós devemos ter uma universidade de idéias e uma idéia da universidade. E pode perfeitamente coexistir numa universidade a vertente contemplativa e a participativa. A contemplativa diz respeito a uma forma de pesquisa dita básica, que aparentemente não tem finalidade prática imediata. Pode parecer que o pesquisador é um alienado, que apenas se interessa em saciar a sua curiosidade ou atingir a glória. Isto é apenas aparente, porque as pesquisas básicas têm desdobramentos imprevisíveis e podem, num futuro próximo ou remoto, proporcionar benefícios à humanidade.

A pesquisa aplicada tem avançado muito desde que a ciência saiu do seu estágio amadorista e se uniu à tecnologia, e desse casamento surgiu a tecnociência. E esse acasalamento entre ciência e tecnologia é extremamente desejável, pois essa fecundação pode render muitos frutos. O nosso país tem avançado, nas últimas décadas, na produção científica. Dois fatores parecem responder por isso: os cursos de pós-graduação e o financiamento de projetos através das agências de fomento (CAPES, FAPESP, CNPQ). Outro braço importante é a parceria dos institutos de pesquisa e das universidades com o setor privado. Na área médica o financiamento vem principalmente da indústria farmacêutica. Este setor, além de recursos, tem massa crítica para gerar conhecimento (laboratórios, recursos humanos, tecnologia refinada...). Entretanto, estas multinacionais farmacêuticas operam, na área de pesquisa, em países de primeiro mundo e nos usam para os seus ensaios farmacológicos.

Alguns dados da CAPES de 2006 colocam o Brasil numa posição confortável no ranking mundial: o nosso país responde por quase 2% da produção científica mundial; está no 15º lugar por produtividade quantitativa; em termos qualitativos (com *papers* de impacto) ocupa o 20º lugar. Curiosamente, o Instituto Butantan (que não pertence à esfera universitária) é o campeão nos artigos de impacto. A alavancagem da

produção científica brasileira se deve, principalmente, à pesquisa na área médica. Não obstante esses avanços, o Brasil ainda carece de qualidade na sua produção científica; muito do que se produz na pós-graduação pode ir para a lata do lixo. O índice de registros de patentes ainda é muito baixo e para melhorar esse estado de coisas é preciso celebrar definitivamente o casamento da ciência com a técnica. Nós estamos precisando de um choque de tecnologia. Além disso, o nosso complexo de vira-lata fica exacerbado pela carência de um prêmio Nobel; a universidade de Buenos Aires já detém cinco. Nós até que já tivemos chances reais com Carlos Chagas e César Lattes.

### **A universidade crítica**

A escola médica deve se constituir num espaço crítico para a formação do médico (e dos demais profissionais da saúde) e proporcionar ao mesmo uma visão global dos problemas de saúde de nosso país. É preciso despertar no aluno da graduação e pós-graduação a reflexão e propiciar a ele saber crítico. O aluno não deve se constituir num mero repositório de informações, uma espécie de médico programado para procedimentos técnicos. Somente um médico com instrução e saber críticos é capaz de distinguir que a promoção da saúde depende do estilo de vida, da estru-

tura social, do saneamento básico, da alimentação, da habitação, da educação, enfim de condições sócio-econômicas adequadas.

A escola médica não pode ser um instrumento de alienação, uma espécie de estação repetidora transmitindo uma instrução tecnocientífica importada. Deve, sobretudo, posicionar-se criticamente ante um modelo sócio-econômico desumano, que propaga a indústria da doença e não se preocupa com a saúde da população.

Para isso são importantes profundas reformas não só estruturais e administrativas, mas até culturais. É pré-requisito para um bom ensino superior, um ensino de qualidade no setor fundamental e médio. Também uma reforma universitária bem conduzida, e livre de pressões político-ideológicas, é necessária.

São as mudanças necessárias? São muito necessárias, mas dificilmente serão materializadas. Ocorre que a universidade é um dos setores mais obscurantistas da sociedade organizada e se comporta como fortaleza do sistema. Além disso, é manipulatória do ponto de vista político-ideológico. É onde Gramsci deita e rola. Ali se instalou uma espécie de saber de igreja. E é difícil mudar conceitos e comportamentos cristalizados. Toda mudança implica ruptura e acaba sendo traumática, e o *establishment* prefere ir empurrando com a barriga o sistema vigente.